

Primo pobre do Plano faz 31 anos

MAÍSA MOURA

Ainda carregando o estereótipo de “primo pobre” do Plano Piloto, com localização nobre, o Cruzeiro completa esta semana 31 anos. Nesses anos de história oficial, a administração comemora pela segunda vez o aniversário da cidade com uma extensa programação abrangendo as áreas cultural, esportiva, religiosa e de lazer. Mais do que comemorar o aniversário e mostrar suas realizações, a recente administração pretende chamar a atenção do governo para os inúmeros problemas — muitos deles antigas reivindicações dos moradores — que a cidade ainda precisa solucionar.

Com 90 mil habitantes, 36 mil e 483 eleitores distribuídos em uma área aproximada de nove milhões de metros quadrados, que abrange o Cruzeiro Velho, Cruzeiro Novo, Octogonal e Setor Sudoeste, há apenas dois anos o Cruzeiro, ou região administrativa nº 11, conseguiu atingir relativas independências com a criação de sua administração regional. Com a autonomia de uma cidade-satélite, os moradores e a administração não se conformam com a ideia de o Cruzeiro ter se transformado em cidade-satélite, mesmo tendo lutado durante quase três décadas por essa independência do Plano Piloto.

Com quatro escolas classes, dois centros de ensino, jardim de infância, dois postos de gasolina, 15 farmácias, duas agências bancárias, dois centros de saúde e nenhum supermercado, a cidade é considerada pacata pelo delegado titular da 3ª DP, José Batista, que reside há nove anos na Octogonal. Segundo ele, a cidade é calma e poderia ser muito mais, caso a área do ParkShopping e do Carrefour não pertencessem à jurisdição da 3ª DP, de onde vêm o maior número de ocorrências. Segundo o delegado, nesses três meses à frente da delegacia nunca houve um registro de crime no Cruzeiro, apenas uma tentativa de homicídio que foi autuado em flagrante.

Os casos mais comuns de ocorrência são acidentes de trânsito que sempre ocorrem nas vias Epiá, EPTG e no Eixo Monumental. Na área residencial e comercial só mesmo as brigas nos fins de semana entre adolescentes e soldados militares que frequentam o Cruzeiro Center. Mas, segundo Batista, o campeão de ocorrências é mesmo o arrombamento de casas no Cruzeiro Velho.

E foi justamente o medo de arrombamento de casas no Cruzeiro Velho que deu início à maior polêmica da gestão da primeira administração da prof. Lygia Barcelos Hogem.

Para tentar se proteger e dificultar o arrombamento de suas casas, os moradores do Cruzeiro Velho começaram a cercá-las com grades de ferro, acabando por invadir o espaço das calçadas.

Administração combate cerca

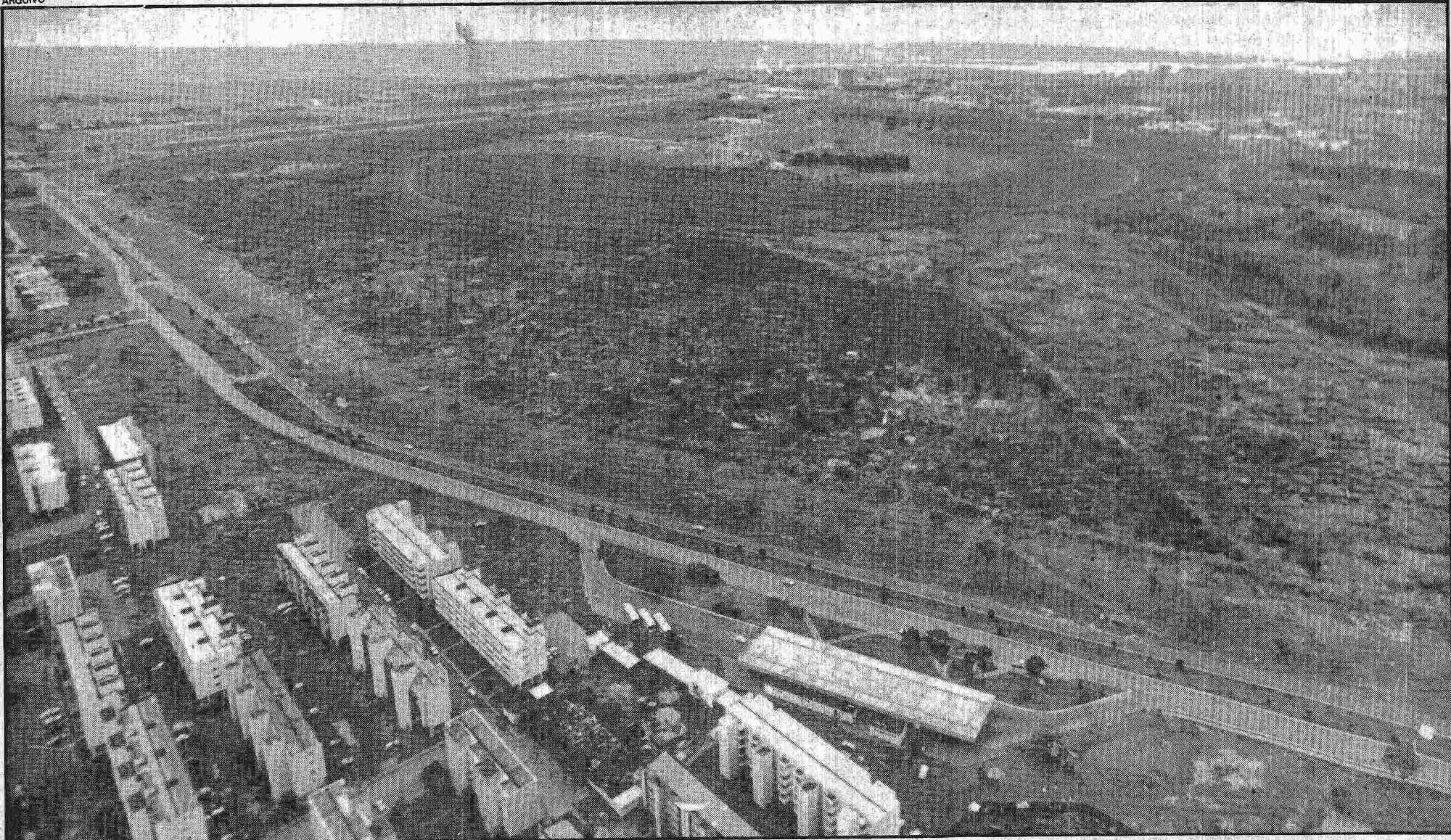
Baseado na determinação do Conselho de Arquitetura Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma), que impede a ocupação de área pública, a administradora regional do Cruzeiro, Lygia Barcelos Hogem, resolveu colocar na rua seus fiscais para a notificação de todas as residências que estivessem irregulares, ocupando a área das calçadas com cercas.

A partir daí, começou a polêmica. Alguns moradores elogiaram a decisão e os donos das casas começaram a se mobilizar para evitar a retirada das grades. De um lado, a segurança dos donos das casas, e de outro, a dos pedestres, que não têm mais a calçada por onde trafegar.

Segundo a administradora, ela não pretende utilizar o poder de polícia que o cargo lhe confere. Depois de notificados, os moradores terão um período de oito a 15 dias para a retirada das grades ou o seu afastamento.

O diretor do Departamento de Fiscalização, José Carlos Godoy, argumentou que a administração não quer radicalizar e muito menos prejudicar os moradores. A ação fiscalizadora tem como única meta punir os casos de abuso. Para José Carlos, “é preciso que as pessoas tenham bom senso”.

ARQUIVO



Cercado de áreas nobres, e apesar de ter conquistado a autonomia administrativa, o Cruzeiro continua a enfrentar antigos problemas

Problemas continuam os mesmos

Criada no governo José Aparecido, através do Decreto nº 10.970 de dezembro de 1987, que delimitou a área e estabeleceu o dia 30 de novembro como data oficial do aniversário da cidade, a administração só foi implantada em janeiro de 1989, com a indicação da professora Lygia Barcelos Hogem para o cargo, pelo então governador Joaquim Roriz. A partir daí, os moradores teriam um canal direto e aberto com o GDF para apresentar suas reivindicações e tentar resolver seus problemas.

No entanto, os moradores continuam a conviver com problemas bem antigos e desgastantes, como a falta de um comércio e de serviços, o que os obrigam a se deslocar até o Plano Piloto a fim de suprir suas necessidades de abastecimento e de trabalho.

Imbuída na difícil tarefa de administrar áreas distintas e heterogêneas, em um primeiro voo, acumulando críticas e elogios, a administração mesmo no final de sua gestão, tenta concluir obras consideradas prioritárias até dezembro.

Ao tomar posse, a administradora definiu os três principais pontos de

JUNIO BARON



A Administração, que ainda não tem sede própria, tenta resolver no final da gestão os problemas pendentes

sua gestão e o ordenamento de seus projetos. A implantação definitiva da administração com a elaboração de seu regimento interno e suas metas foi o primeiro passo dado pela prof. Lygia. Com base na cartilha elaborada pelo governo itinerante de Joaquim Roriz, contendo as reivindicações mais importantes dos moradores

e de suas associações, a administração começou a agir priorizando seus objetivos.

Com vida própria e não mais figurando como um “bairro” do Plano Piloto, a prioridade era levar benefícios à comunidade. Para a administradora, isso só poderia ser feito com um reordenamento da cidade e com

a busca de solução para suas questões primordiais como a implantação do setor de oficinas no Setor Sudoeste, reforma do sistema de água potável e da rede de esgotos do Cruzeiro Velho que nunca foram substituídos desde a construção da cidade, proibição da invasão de área pública, regularização da feira permanente.

Aruc se mantém a principal referência

A Associação Recreativa Cultural Unidos do Cruzeiro, Aruc, continua a ser um dos principais pontos de referência ao se falar na cidade do Cruzeiro. Fundada em outubro de 1960 por um grupo de moradores majoritariamente cariocas, que tentavam fugir do tédio e da falta de opção de lazer do início da construção da nova capital, a história da Aruc chega a se confundir com a própria história do Cruzeiro e de Brasília.

Levando na bagagem a conquista de campeonatos de carnaval e vários títulos esportivos, representando o Distrito Federal em torneios nacionais, a Aruc carrega uma grande moção em relação ao governo do DF. Hélio dos Santos, atual vice-presidente da Aruc, reclama do governo que não tem dado ao Cruzeiro a mesma atenção que dispesa às demais cidades-satélites. Segundo Hélio, o Cruzeiro é a única região administrativa do DF que não possui um ginásio de esportes. Para a Aruc é chegada a hora de o governo mostrar seu trabalho e olhar mais atentamente para o Cruzeiro, pois “o nosso trabalho todo mundo já conhece”.

Localizada em terreno do governo, pagando uma taxa simbólica de ocupação, com dois campos de fute-

bol e duas quadras polivalentes, a Associação sobrevive basicamente das contribuições de seus dirigentes e de doações de material por parte da administração.

Além da melhoria das instalações com reforma das quadras polivalentes e dos dois campos de futebol, a principal reivindicação da presidência é a construção do ginásio de esportes para dar subsídio às atividades esportivas que a Associação já

vem desenvolvendo, mesmo sem infraestrutura adequada. E a Aruc já esteve muito próxima de realizar esse sonho. No final de seu governo, Joaquim Roriz aprovou o projeto elaborado pela Aruc e pela administração para a construção do ginásio. Aberta a licitação para o início das obras, ocorreram problemas que culminaram com a suspensão da licitação e, até hoje os moradores esperam por uma decisão do governo.

Alvorada inicia a comemoração

■ **Alvorada Festiva** — dia 30/11, às 6h, com carros percorrendo todo o Cruzeiro acordando os moradores com fogos de artifícios e música.

■ **Missa** — ação de graças pelo aniversário, dia 30/11 às 19h na Igreja Nossa Senhora das Dores, no Cruzeiro Velho.

■ **1º FICC** — Festa de Integração Comunitária do Cruzeiro, com barracas, shows ao vivo e parque de diversões, do dia 30/11 ao dia 2/12, às 20h, ao lado do Centro Comercial do Cruzeiro Velho.

■ **Bazar de Natal** — o Programa de Ação Social, agência Cruzeiro, estará expondo e vendendo os trabalhos produzidos pelos idosos, do dia 30/11 ao dia 2/12, durante todo o dia, no Centro Comunitário do Cruzeiro Velho.

■ **Inauguração do Galpão da feira** — no Cruzeiro Novo, dia 1/12, às 9h30, com a presença do governador Wanderley Wallin.

■ **Rua de Natal** — abertura dia 1/12, das 9h30 às 12h, com apresentação de peças infantis e corais natalinos. Presença da primeira dama Regina Wallin.

■ **Táxi** — inauguração dos abrigos de pontos de táxi, dia 1/12 na AOS 8 e na quadra 105 do Cruzeiro Novo.

■ **Estacionamento** — inauguração da primeira etapa da urbanização do Cruzeiro Center e do estacionamento do comércio da quadra 10, no Cruzeiro Velho.

■ **Culto** — em ação de graças, dia 1/12, às 19h, na Igreja Presbiteriana Renovada, no Cruzeiro Novo, Área especial 509/511.

■ **Torneios esportivos** — dias 24 e 25/11 e 1 e 2/12, pela manhã e à tarde, nos campos da Aruc, ginásio do Ciman e quadras polivalentes. Torneios de futebol de salão e de areia, vôlei, handebol etc.

Cemitério foi o 1º apelido

Palco da primeira missa de Brasília e originário da desapropriação da Fazenda Bananal, em 1950, o Cruzeiro, hoje área administrativamente independente, já foi chamado de Cemitério.

Nome este, fruto da tradicional irreverência do carioca —, que teve que deixar a cidade maravilhosa para vir para a nova capital, enfrentando condições adversas como a falta de água e de luz — ao ver aquelas casinhas brancas perdidas no Planalto Central e cercadas de terra vermelha por todos os lados.

Depois de Cemitério, veio o nome de Gavião, em uma clara demonstração da constante insatisfação dos moradores com o seu novo habitat. O nome era justificado pela grande incidência desses animais que apareciam constantemente no local.

Segundo o historiador Adirson Vasconcelos, foi o **CORREIO BRAZILIENSE** que promoveu a mudança para Cruzeiro, atendendo ao pedido de um grupo de moradores que foi até o jornal, insatisfeito com o nome pejorativo do lugar onde morava. A sugestão do nome surgiu em decorrência de uma linha de ônibus da TCB de nome “cruzeiro” que completava seu trajeto indo até o Gavião.